

# A HORA DE DEUS

*Padre Christian Bouchacourt*

Durante o sermão pronunciado por ocasião das ordenações diaconais e sacerdotais em *Ecône* no dia 29 de junho passado, Dom Fellay anunciou que as conversas com Roma, com vistas a um eventual entendimento com a Fraternidade, regressaram ao ponto de partida, quer dizer, como no dia seguinte às consagrações episcopais de 1988.

De fato, Roma queria que, como preâmbulo da regularização canônica da Fraternidade São Pio X, aceitássemos os documentos promulgados durante o último concílio e reconhecêssemos a legitimidade, e por conseqüência a bondade, do *Novus Ordo Missæ*. Tal aceitação seria uma traição pura e simples ao combate que Dom Lefebvre e sua Fraternidade levaram adiante por mais de 40 anos. Assim sendo, por uma razão doutrinal, o Superior Geral e o seu Conselho, apoiados pelo Capítulo Geral da FSSPX, recusaram as últimas proposições de Roma.

A situação atual pode nos contristar, pois nos faz constatar que o câncer do modernismo continua corroendo a Igreja desde dentro, enquanto o Papa e as autoridades romanas se recusam a apontar a origem dos males que pesam sobre a Igreja desde algumas décadas, isto é, o Concílio Vaticano II. Os tempos ainda não estão maduros para uma normalização das nossas relações com Roma. Diante desta situação, uma questão pode nos vir à nossa mente: “Mas o que Deus espera para nos tirar desta situação tão difícil?”

Deus espera a sua hora! Se abirmos o Evangelho, poderemos ler que Nosso Senhor sempre quis agir no seu próprio ritmo e não segundo o seu entorno. Quantas vezes disse “a minha hora ainda não chegou”? É o próprio Cristo quem decide o momento da sua Paixão e o instante da sua morte: “Ninguém me tira a vida, mas eu por mim mesmo a dou”. Nesse sentido, Deus continua sendo Senhor do tempo e dos acontecimentos. Ele pode intervir diretamente ou indiretamente sobre eles segundo sua vontade.

Talvez alguns poderiam se desanimar pela duração da prova que pesa sobre a Igreja. Outros poderiam se decepcionar pela FSSPX deixar passar essa ocasião de regularizar a sua situação. Enfim, outros poderiam crer que a situação se endureceu definitivamente e que se perdeu toda esperança de restauração da Tradição na Igreja.

Nenhuma dessas atitudes é satisfatória! Por isso me parece oportuno lembrar alguns princípios importantes que poderão ajudá-los a compreender a situação presente e encorajá-los a guardar a virtude da santa esperança.

1º princípio: Nada acontece que Deus não tenha previsto desde toda a eternidade e que Ele não tenha querido ou pelo menos permitido. Esta crise que a Igreja atravessa não escapa à onipotência de Deus. Desde toda a eternidade, Deus a permitiu assim como permitiu a Paixão do seu Filho, a traição de Judas e a negação de São Pedro. Estes tempos difíceis em que vivemos não podem ser compreendidos e suportados a não ser sob a luz da fé.

2º princípio: Deus não pode querer ou permitir algo a não ser com vistas ao fim que Ele se propôs ao criar, quer dizer, a manifestação da sua bondade, das suas perfeições divinas e com vistas à glória de Deus feito homem, Jesus Cristo, seu Filho. Esta crise, que tem origem em grande parte no Concílio Vaticano II, sem nenhuma dúvida permitiu àqueles que queriam permanecer fiéis à Tradição da Igreja estudar com mais intensidade a doutrina e a liturgia que os nossos antepassados nos transmitiram e que a tempestade conciliar quis sepultar para sempre. Depois da Segunda Guerra Mundial, a Igreja entrou, de fato, em uma espécie de torpor que a deixou mais vulnerável aos seus inimigos internos e externos.

De uma maneira insidiosa, como a minhoca na maçã, apesar da firmeza de Pio XII, o modernismo solapou e corrompeu todos os graus da Igreja como uma gangrena. Essa enfermidade poderia ter sido fatal, mas Deus suscitou Dom Lefebvre e Dom Antônio de Castro Mayer, que souberam se opor com um espírito de sacrifício heróico a essa revolução conciliar. A Providência velava, e assim Nosso Senhor mostrou que Ele queria ser fiel à sua promessa de proteger sua Igreja até o fim dos tempos. Deus continua sendo o Senhor dos acontecimentos!

O terceiro princípio decorre do segundo: Como diz São Paulo: “todas as coisas concorrem para o bem daqueles que amam a Deus”. Naqueles que quiseram permanecer fiéis à Tradição, Deus suscitou um espírito de sacrifício meritório para se preservarem dos múltiplos erros que se espalhavam pela Igreja. A FSSPX fundou seminários, priorados, escolas, etc. Religiosos e religiosas fundaram comunidades tradicionais por quase todas as partes do mundo. Assim se salvou a Tradição católica. Esta santa reação provocou um impulso de fervor com uma generosidade admirável. Os seminários tradicionais se encheram, santas famílias se formaram. Pouco a pouco se assistiu à reconstituição do tecido católico, na espera de que um dia Roma reconheça a legitimidade da aparente desobediência que nos anima.

Contudo, estes três princípios que acabamos de recordar não nos dispensam, evidentemente, de fazer o que pudermos, no lugar onde a Providência nos colocou, para cumprir a vontade de Deus significada pelos seus preceitos e pelos conselhos que nos são prodigalizados e nos submetemos aos acontecimentos pelos quais Ele quis nos conduzir. Deus não deixará de nos conceder as graças que precisamos para permanecermos firmes na fé e para acelerar a chegada do fim deste tempo de provas.

O resultado desta crise não depende de nós, evidentemente, mas da cabeça da Igreja e mais precisamente do Papa quando este, por graça de Deus, retomar aquilo que seus predecessores fizeram e ensinaram durante quase 2000 anos e abandonar os princípios conciliares que conduziram a Igreja à beira do precipício.

Esta graça virá, não duvidemos disso nunca! Quando? Só Deus sabe, mas Ele mesmo, desde toda a eternidade, conta com nossas orações e nossos sacrifícios para nos conceder o socorro que tanto desejamos. Será então a sua hora. “É próprio do auxílio celeste (...) chegar no momento exato e de apresentar-se ao homem no momento mais conveniente. Auxiliar inteligente, se o Senhor Deus dos exércitos estende sua mão forte à criatura, sempre faz que seu favor apareça no momento crítico e decisivo; e pode-se dizer que a eficácia principal da intervenção divina consiste ordinariamente na sua absoluta oportunidade”.

É assim que a onipotência de Deus e sua misericórdia se manifestarão, de tal modo que nenhum homem poderá se atribuir essa vitória futura. Esta verdade deve nos encher de esperança e de confiança como exprime tão bem São Paulo: “Se Deus é por nós, quem será contra nós?”

A respeito das provas da vida, e particularmente daquelas que a Igreja atravessa, é preciso que vivamos o tempo presente sem buscar nos adiantarmos à hora de Deus, sem forçar a Providência.

Guardemos no fundo das nossas almas uma firme confiança nesse socorro que nunca nos faltará se nos comportarmos como bons filhos de Deus. Voltemos a ler no Antigo Testamento o livro de Daniel, capítulo 13: Deus salva a vida da casta Susana e a recompensa por sua confiança justamente quando a situação parecia perdida por causa dos falsos testemunhos dos dois anciãos, que foram finalmente condenados no lugar dela. Consideremos a realização da promessa de Nosso Senhor que tinha anunciado aos Apóstolos e aos discípulos que enviaria “outro Consolador para que ficasse eternamente convosco, o Espírito de verdade (...) que vos ensinará todas as coisas e vos recordará tudo o que vos tenho dito”. E de fato o Espírito Santo veio no dia de Pentecostes.

Meditem também na oração que nos ensinou Nosso Senhor. Ele nos convida a pedir o pão de cada dia, “o pão nosso de cada dia nos dai hoje”, e não o que vamos a necessitar dentro de um mês ou de um ano. Pensemos também na promessa que fez aos que sofreriam por Ele: “Não estejais com cuidado de que modo respondereis ou que direis, porque o Espírito Santo vos ensinará naquele momento o que deveis dizer”. O provérbio popular “antes da hora ainda não é a hora” se inspira nessa promessa. Assim sendo, guardemos a paz e nos mantenhamos longe das inquietudes que perturbam a alma e a afastam do essencial.

Um dia, então, quando soar a hora de Deus, Roma manifestará à FSSPX seu reconhecimento por sua fidelidade e se apoiará nela para reconstruir a cristandade. Para acelerar a chegada desse dia, permaneçamos firmes na fé, sem compromissos com os erros que pululam na Igreja. Cumpramos nosso dever de estado, façamos penitência, estudemos a nossa santa religião e tenhamos confiança como Nossa Senhora à espera da ressurreição do seu Filho no dia seguinte à Sexta-Feira Santa.

Terminarei estas considerações deixando-lhes esta oração composta por Madame Elizabeth, irmã do Rei Luís XVI. Sabendo que seria condenada pela Revolução por ódio à fé, ela se preparava para os acontecimentos trágicos que a esperavam. Morreu, de fato, na forca, depois de ter recitado cada dia esta oração que lhe foi de grande ajuda e que poderíamos fazer nossa: *“Desconheço, Senhor, o que me acontecerá hoje. Tudo o que sei é que nada do que me acontecer virá sem que tenhais previsto desde toda a eternidade. Isso me basta, meu Deus, para estar tranqüila. Adoro os vossos desígnios eternos e me submeto de todo o coração; quero tudo, aceito tudo, faço-vos o sacrifício de tudo. Uno este sacrifício ao de vosso amado Filho, meu Salvador, pedindo-vos, por seu Sagrado Coração e por seus méritos infinitos, a paciência diante dos males e a perfeita submissão que vos é devida em tudo o que desejais e permitis”.*

Que Deus os abençoe!  
Padre Christian Bouchacourt  
Superior de Distrito América del Sur  
Editorial da Revista Iesus Christus nº 139

Fonte: Blog Arena da Teologia

#### Nota do site:

Lamentamos profundamente que também a grande maioria dos eclesiásticos tradicionalistas “ignorem” e rejeitem as profecias católicas autênticas de nossos dias, pois estas corroboram perfeitamente com o Terceiro Segredo de Fátima (que muitos deles aceitam), e que segundo o então cardeal Joseph Ratzinger (Papa Bento XVI) corresponde ao capítulo 24 de Isaías. Ao insistirem nesta equivocada posição que se contrapõe à exortação de São Paulo, *“Não extingais o Espírito. Não desprezeis as profecias. Examinai tudo: abraçai o que é bom.”* (1Ts. 5, 19-21), incorrem eles em expectativas que não se cumprirão, ou seja, de que um dia o Vaticano os reconhecerá como autênticos defensores da Tradição. Este Vaticano que hoje aí está, e sua “descendência” mundo a fora (com sua lavagem cerebral da esmagadora maioria dos leigos), tem deixado muito claro que sempre mais se afastará da Tradição da santa Igreja, para submergir nos descaminhos do C.V.II. E este é o tempo em que vivemos, da também subida ao calvário da Esposa do Cordeiro, para Sua tão necessária purificação, na espera do Esposo que retorna para as núpcias eternas.



[www.mariamaedaigreja.net](http://www.mariamaedaigreja.net)